

As palavras dadas  
são de Artur Torres  
Artur Torres  
1965

## Ismael de Lima Coutinho

A filologia brasileira acaba de sofrer um rude golpe com o trágico desaparecimento do ilustre professor Ismael de Lima Coutinho, vitimado por acidente de automóvel, quando viajava em companhia de sua esposa, na cidade mineira de Poços de Caldas.

Natural do município fluminense de Santo Antônio do Pádua, onde nasceu a 12 de Maio de 1900, Ismael Coutinho transferira-se, ainda moço, para a cidade de Niterói, capital do Estado do Rio de Janeiro, onde fez os seus estudos superiores, constituiu a sua família, já hoje numerosa, e onde desfrutava do maior apreço e estima, não só pela sua apreciável cultura, como também pelos admiráveis dotes de espírito e coração.

No Estado do Rio, ocupou cargos públicos de relevo, como Secretário de Educação e Cultura, Secretário do Prefeito de Niterói, Membro do Conselho Estadual de Educação, Catedrático de Português e Literatura do Liceu Nilo Peçanha e de latim da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Federal do Estado do Rio e professor por concurso do Instituto de Educação do Estado da Guanabara.

Homem de gabinete, onde passava horas a fio a ler e a estudar, conquistou Ismael Coutinho, a despeito da sua profunda modéstia, o merecido renome de um dos mais acatados cultores da filologia no Brasil.

Sua riquíssima biblioteca, sempre actualizada, era uma das melhores na especialidade.

Podemos dizer que as suas grandes obras são os seus discípulos, muitos dos quais ocupam lugar de destaque na cultura e na política do país. Mas ainda teve tempo para escrever um grosso volume de gramática histórica da língua portuguesa, onde se pode apreciar a sua sólida cultura, sempre em dia com as últimas conquistas da ciência da linguagem.

Além de seus profundos conhecimentos de línguas clássicas, ainda conhecia perfeitamente o alemão, o inglês, o francês, o italiano e o espanhol.

Deixou numerosos artigos e conferências e também duas obras de grande merecimento: um tratado de fonética e morfologia do latim e um desenvolvido estudo sobre a produção poética de Terêncio.

Espírito metódico e exigente, o Prof. Lima Coutinho levava a corrigir e a melhorar constantemente esses seus trabalhos, seguindo assim, como ele próprio me dizia, e em bom latim, a prudente advertência de Horácio.

Esperamos que a sua estudiosa filha, Prof.<sup>a</sup> Maria Teresa, que foi sua discípula e também sua assistente na Faculdade de Ciências e Letras, conclua a revisão dessas valiosas obras, enriquecendo assim o nosso património cultural e honrando a memória do seu grande Pai.

ARTUR TORRES

N. R. — No outro local deste número da nossa revista publicamos um estudo póstumo do ilustre e chorado cientista.

## PROFESSOR ISMAEL DE LIMA COUTINHO

O desaparecimento do Professor Ismael Coutinho representa para o Brasil a perda de um de seus filhos mais ilustres; para mim, a perda do incomparável conselheiro, fiel amigo e mestre inimitável.

Um verdadeiro sábio, cujas aulas a todos embeveciam pela erudição, clareza e simplicidade, sempre conservou sua maneira terna, humilde, quase tímida, recusando a glória, fama e honrarias a que fazia jus.

A imagem de sapiência, bondade e nobreza que o Professor Ismael Coutinho projetou sobre seus alunos permanecerá indelévelmente gravada em nossos corações. Que seus filhos e discípulos, ainda consternados e perplexos, possam dar à Educação um pouco do muito que receberam de seu inesquecível mestre, como sua recompensa e para a grandeza do BRASIL.

Rômulo Gonçalves Ferreira Filho

F.F.Fi. Outubro 1 965



## História de uma palavra

### 1. Etimologia.

Inscrito da palavra persona, cuja origem tem sido largamente discutida. Vários autores dela se ocuparam, como se pode ver no Walde (Lat. Etym. Wörl., deut. Aufl., v. II, p. 292).

A primeira referência a uma etimologia aparece em Aulo Gélio. Segundo ele, o gramático javius Bassus pretendia ver em per- sona um derivado de personare, censurar, retambor: "Lepide puerculus et scite Javius Bassus in libris, quos in origine vocabulorum composuit, unde appellata persona sit, interpretatur; e personando enim id vocabulum factum esse coniecit." (Noct. Att., v, 7)

Para a determinação dessa etimologia, teria certamente atuado no espírito do antigo gramático não só a semelhança de forma, mas também, de certo modo, o próprio sentido. A máscara, usada no teatro romano, com efeito, não era apenas um adereço, servia igualmente para aumentar o volume da voz. É ainda Aulo Gélio quem nos informa: "Nam caput et os cooperimenta per- sonae lectum undique unaque partem vocis emittentem in per- sonum, quoniam non vaga neque diffusae, in unam tantummodo exitum collectam coactaque vocem eicit [et] magis elevat canonique posita fact." (Ibidem).

Durante muito tempo, foi essa a origem única admitida pelos latinistas, mesmo pelos que apareceram depois do advento da ciência da linguagem. Entre estes pode citar-se Corssen, para só mencionar um nome: "also kann per-sona möglichster Weise sowohl eine "durchschallend" Stimme bedenten als einen "durchschallten" Kamm, sowohl der Schauspieler, der laut hin durch redet durch die Maske und durch das Theater hin, als die Maske, durch die er hindurch redet." (Über Aussprache..., Leipzig, 1868, vol. I, p. 482).

A diferença de quantidade do o, longo em persona e breve em personare, ficava sem explicação <sup>Por isto, a maioria dos autores de etimologias tem</sup> personare <sup>quantidade</sup> personare. Keller (Lat. Volkst., 1872, p. 126) <sup>sustentou</sup> personare <sup>que se tratava de</sup>



um empréstimo grego. A palavra teria passado de ἑσώθη, cuja significação couria em parte ao latim persone. Mas esse ouço esbarrou, dada a op, não dotável: a positiva. Não se pôde aceitar a justificação de que a parte latina resultara de uma pronúncia viciosa dos antigos romanos, como acentua Forcellini: "quasi veteri Romani entosa pronuntiatione in persone mutarunt, ut alia caetera." (Lexicon totius Latinitatis, vol. II, p. ).

~~Nesta hipótese foi aceita por Deakle, desde a definição, que apresentava.~~

Nova hipótese foi então formulada, dada uz por Dantke, que recorreu ~~ainda~~ <sup>também</sup> ao grego, e' verdade, ouzo e ἑσώθη, <sup>ji</sup> que oentado ao antigo latim por sona, mais tarde grafado sona. De sona, <sup>foi</sup> se teria formado o verbo \*persōnare, enfaixar, envolver, cobrir, de que persone deriva um derivado. Esta hipótese se justificava, e fonética e semanticamente, mas tinha contra si o fato de us apresentar o latim nenhuma forma verbal ~~que~~ que lembrasse persōnare e muito menos as línguas românicas. Tratava-se de um verbo puramente hipotético.

Segun esta a hipótese que se hoje aceita pela maioria dos latinistas, Persone <sup>original</sup> ~~positiva~~ <sup>do etrusco</sup> ḡe etrusco ḡeḡou, palavra etrusca, encontrada nome tanto da Etrúria, como o Sarcófago de "mircari". Formulou-a E. Deakle (Etrusk. Forsch. u. Stud., 6, p. 47) e independente dela F. Skutsch (Zsch. f. lat. Lex., 15, p. 145). Partindo <sup>nessa</sup> da base etrusca, os outros replicaram diversamente a formação da palavra. Para Skutsch, houve uma série de desenvolvimentos sucessivos, de que resultou persone: str. ḡeḡou > lat. persō - persōnare - personatus - persone. Para Tracudlin <sup>no etrusco</sup> der, a par de forma ḡeḡou tem existido outra forma, com o sufixo -ni, de que poderia persone. A dupla Abellat <sup>se</sup> Ernout admite que ḡeḡou tem sempre persona, <sup>em</sup> ~~da língua~~ <sup>original</sup> ~~de latim~~ <sup>de latim</sup> (Diction. Étymol. de la Langue Latine



2.º de,  
(Tiro, 1651, 2.º de, 1655). Não se sabe se certo se a primeira etimologia  
se deriva do grego ἴσχυρος. Há latinitas, seu achem, etc. porém, então  
supem de tão duvidos quanto a sua aproximação.

## 2. História

A palavra personae significava primitivamente "mascara", ou  
melhor "mascara de teatro." Não se sabe a quem atribuir o emprego,  
dele primeira vez, de mascarar nos teatros romanos, ou em a época  
em que ele aparece. Só há a opinião de mascarar de cerca  
romana, há mais exemplos que três testemunhos de aut. clássicos  
de outros autores.

O primeiro é o de Dionísio, que diz ter visto o ator  
Roscius feller quem primeiro se apresentou, em Roma, ao  
público com uma máscara. (Ver De Art. Gram., III, 9, 2). Também  
Cícero, que ele assim procedeu "para disfarçar o seu estílo"  
no (De Nat. Deor., I, 79).

O segundo é o de Donato, que aponta Cincius e Faliscus  
como os primeiros atores cômicos; ~~que foram os primeiros~~  
& Terentius e Prothymus, como os primeiros trágicos, que fizeram  
uso de máscaras entre os romanos: "Personati primi egisse di-  
cuntur Comædiorum Cincius [et] Faliscus, Tragediarum Terentius  
[et] Prothymus." (De Comædiis, VI, 3).

O terceiro deriva a Fabula, que assim se escrevia: "Personae  
ta fabula quaedam Naevi inventitur, <sup>quae hinc est quidam</sup> ~~sed hinc est quidam~~  
(Fasti) <sup>quidam</sup> ~~hinc est quidam~~ <sup>hinc est quidam</sup> ~~hinc est quidam~~ <sup>hinc est quidam</sup> ~~hinc est quidam~~  
et tragedia personatis histrionibus, sed cum post multos an-  
nos comædi et tragedia personis uti coeperunt, veri cœniti ut  
sem fabulem propter inopiam comædiorum actam in usum per  
atellanos qui proprie vocantur personati, quia fin est eis non  
esse in scena personam, quod ceteris histrionibus  
fieri necesse est." (De verb. Signific., Leipzig, 1945, p. 238)

Como se vê, Fabula deriva de seu o uso da máscara  
para comédia e tragedia de tragedia, cada uma de seu personae











1. ETIMOLOGIA

Trata-se da palavra persona, cuja origem tem sido largamente discutida. Vários autores dela se ocuparam, como se pode ver no Walde (Lat. Stym. Wört., 3.rit. Aufl., Vol II, p.292).

A primeira referência a sua etimologia aparece em Aulo Gélcio. Segundo êle, o gramático Gavius Bassus pretende ver em persona um derivado de personare, ressoar, retumbar: *Lepide mercuriales et scite Gavius Bassus in libris, quos in origine vocabulorum composuit, unde appellata persona sit, interpretatur; a personando enim id vocabulum factum esse constat* (Noct. Att., V,7).

Para a determinação dessa etimologia, teria certamente atuado no espírito do antigo gramático o próprio sentido. A máscara, usada no teatro romano, com efeito, não era apenas um disfarce, servia igualmente para aumentar o volume da voz. É ainda Aulo Gélcio que nos informa: *"Nam caput et os operimento personae tectum undique unaque tantum vocis emittendam via parvum, quoniam non vaga neque diffusast, in unam tantum modo exitum collectam coactaque vocem ciet [et] magis claros canorosque sonitus facit"* (Ibidem).

Durante muito tempo, foi essa a origem única admitida pelos latinistas, mesmo pelos que apareceram depois do advento da ciência da linguagem. Entre estes pode citar-se Corssen, para só mencionar um nome: *"also kann per-son-a möglicher weise sowohl eine "durchschallend" Stimme bedeuten als einen "durchschallten" Kamm, sowohl d e n Schauspieler, der laut hindurch redet durch die Maske und durch das Theater hin, als die Maske, durch die er hindurch redet."* (Über Aussprache...., Leipzig, 1866, vol.I, p. 482).

A diferença da quantidade de g, longo em persona e <sup>Breve</sup>breve em personare, ficava sem explicação. Por isso novas hipóteses foram aventadas. Keller (Lat. Volkss., I, Teil, Leipzig, 1892, p.126) sustentou que se tratava de um empréstimo grego. A palavra <sup>g</sup>gria provindo de ~~πρόσωπα~~ <sup>πρόσωπα</sup>, cuja significação conviria em parte <sup>ad</sup>ad latim persona. Mas essa origem esbarrou, desde logo, num obstáculo: a fonética. Não se pôde aceitar a justificação de que a forma latina resultava de uma pronúncia viciosa dos antigos romanos, como acentua Forcellini: *"quod veteres Romani vitiosa prononciatione in personam mutarunt, ut alia multa."* (Lexicon totius latinitatis, vol. III, p. xc).

πρόσωπα



tarde grafado gūna. De gūna, faiza, se teria formado o verbo persōnare, enfiar, envalvar, cobrir, de que persōna seria um derivado. Esta hipótese justificava-se fonética e semanticamente, mas tinha contra si o fato de não apresentar o latim nenhuma forma verbal que lembrasse persōnare e muito menos as línguas românicas. Tratava-se de um verbo puramente hipotético.

Surgiu então a hipótese que é hoje aceita pela maioria dos latinistas. Persōna originou-se de ῥέσσω, palavra etrusca, encontrada numa tumba da Etrúria, com o sentido de "máscara". Formulou-a E. Deake (Etrusk. Forsch. u. Stud., 6, p. 47) e independente dele F. Skutsch (Arch. f. Lat. Lex., 15, p. 145). Partindo da mesma base etrusca, os autores explicaram diversamente a formação da palavra. Para Skutsch, houve uma série de desenvolvimentos sucessivos, de que resultou persōna: etr. ῥέσσω > lat. persō - persōnare - persōnatus - persōna. Para Friedländer, a par de ῥέσσω teria existido no etrusco outra forma, com o sufixo -g-, de que provém persōna. A dupla Meillet-Brumont admite que persōna se formou a exemplo de Latōna (Diction. Etymol. de la Langue Latine, 3a. éd., Paris, 1951, p. 885). Não se sabe ao certo se a forma etrusca se deriva do grego ῥέσσω. Há latinistas que acham isso possível, outros negam ou têm dúvidas quanto a essa aproximação.

## 2. HISTÓRIA

A palavra persōna significou primitivamente "máscara", ou melhor "máscara de teatro". Não se sabe a quem atribuir o emprégo, pela primeira vez, da máscara no teatro romano, nem a época em que ela apareceu. Sobre a aparição da máscara na cena romana, há nada menos que três testemunhas discordes de antigos autores.

O primeiro é o de Dionades, que diz ter sido o ator Roscius Gallus quem primeiro se apresentou, em Roma, ao público com uma máscara. (Ver De Ant. Gram., III, 9,7). In forma Cícero que ele assim procedeu para disfarçar o seu estrebismo (De nat. deor., I, 79).

O segundo é o de Donato, que apresenta Cincius e Faliscus como os primeiros atores cômicos; Minucius e Protignus, como os primeiros trágicos, que fizeram uso da máscara entre os romanos: "Persōnati primè egisse dicuntur comediam Cincius [et] Faliscus, tragoedian Minucius [et] Protignus" (De Comedia, VI, 3).

O terceiro deve-se a Festus, que assim se exprime: "Persōnata fabula quaedam Nasvi inscribitur quam putant quidam (astem) primam a personatis histrionibus, sed cum post multos annos comœdi et tragoedi persōnata uti coeperunt, veri similis est eam



personati, quia jus est eis non cogi in scena potest personati, quia cogitur his-  
trionibus pati necesse est." (Lindsay, De verb. Signific., Leipzig, 1949, p.236).

Como se vê, Festus duvida de que o uso da máscara possa remontar à época de Nê-  
vio, antes achava que a "fabula personata", atribuída a este, foi assim chamada  
por ter sido levada à cena pelos atores das atalanas, denominados personati. É  
crença generalizada entre os críticos que o uso da máscara no teatro é posterior  
à época de Plauto e Terêncio. Antes costumavam os atores usar perucas e tingir a  
face (L. Friedländer, Les Jeux, t. II, Paris, 1890, p.324-325, da obra La Culture  
chez les Romains, par J. Marquardt).

Houve máscaras para todos os gêneros de representação, como também as houve a-  
propriadas ao estudo e à condigão dos personagens: máscaras de tragédia e de co-  
média, de velhos e de moços, de senhores e de escravos, de heróis e de bandidos,  
etc. Pela máscara se podia adivinhar o papel que o ator deveria representar em ce-  
na. Com efeito, diz Rich: "Moreover, every age and condition of life, from youth  
to decrepitude, or from hero to slave, was represented by an appropriate mask, the  
characteristics of which were sufficiently familiar for the quality and condition  
of the personage represented to be immediately recognized by the spectators upon  
his appearance on the stage; and the wig belonging to each particular had a set-  
tled style of coiffure, as well known as the features it accompanied." (Diction-  
of Rom. and Greek antiqu., London, 1874, 4th. ed., p. 494).

### 3. SEMÂNTICA

Já se falou no sentido primitivo de persona. Mas a palavra teve uma grande ir-  
radiação em latim. Mesmo na linguagem do teatro, tomou outras acepções. Da cena,  
passou à gramática, onde designou a "pessoa gramatical", e à linguagem comum, onde  
significou simplesmente "pessoa". Assim se podem resumir os seus vários sentidos:

1 - (No teatro) 1. Máscara: "Heredis fletus sub persona, risus est" (P.Siro);  
"et ex persona ardent oculi histrionibus" (Cíc., De orat., II, 193); "Personam tra-  
gicam forte vulpes viderat" (Fab., I, 7). 2. Papel, caráter, personagens: "Colacem  
esse Naevi et Plauti veterum fabularum: Parasiti personas inde ablatam et militis."  
(Ter., Hum., prol., 25 e seg.). "Nihil ex persona poetarum, sed omnia sub eorum qui  
in illo tempore vixerant, dixerunt" (Vall., I, 3, 2).

2 - (fora do teatro) 1. papel, caráter, personagens: "illam vero gravitatis se-  
veritatisque personam non appetivi" (Cíc., Har., 3). "Petitoris personam capere ad-  
versarius deponere" (Cíc., Quint., 13). "Qui philosophiam profiteretur gravissimum



Macdorum

fabulas propter inopiam comedorum actum novam per atallanos qui proprie vocantur *personati* *personatus* personati, quia jus est eis non cogi in scena ponere *personas*, quod ceteris histrionibus pati necesse est." (Lindsay, *De Verb. Signific.*, Leipzig, 1949, p.238).

Como se vê, Festus duvida de que o uso da máscara possa remontar à época de Nôvio, antes admite que a "fabula personata", atribuída a este, foi assim chamada por ter sido levada à cena pelos atores das atelanas, denominados *personati*. É creença generalizada entre os críticos que o uso da máscara no teatro é posterior à época de Plauto e Terêncio. Antes costumavam os atores usar perucas e tingir a face (L. Friedlander, *Les Jeux* t. II, Paris, 1930, p.324-325, da obra *La Culture chez les Romains*, par J. Marquardt).

Houve máscaras para todos os gêneros de representagão, como também as houve apropriadas ao estado e à condigão dos personagens: máscaras de tragédia e de comédia, de velhos e de moços, de senhores e de escravos, de heróis e de *bandidos*, etc. Pela máscara se podia adivinhar o papel que o ator deveria representar em cena. Com efeito, diz Rich: "Moreover, every age and condition of life, from youth to decrepitude, or from hero to slave, was represented by an appropriate mask, the characteristics of which were sufficiently familiar for the quality and condition of the personage represented to be immediatly recognized by the spectators upon his appearance on the stage; and the wig belonging to each particular had a settled style of coiffure, as well known as the features it accompanied." (*Dictionary of Rom. and <sup>Greek antiqu.</sup> ~~antiqu.~~*, London, 1874, 4th. ed., p. 494).

### 3. SEMÁNTICA

Já se falou no sentido primitivo de *personae*. Mas a palavra teve uma grande irradiação em latim. Mesmo na linguagem do teatro, tomou outras acepções. De cena, passou à gramática, onde designou a "pessoa gramatical", e à linguagem comum, onde significou simplesmente "pessoa". Assim se podem resumir os seus vários sentidos:

- ▲ - (No teatro) 1. Máscara: "Heredis fletus sub *personae*, risus est" (P.Siro) ; "et ex *personae* ardent oculi histrionibus" (Cic., *De orat.*, II, 193); "*Personae* tragicam forte vulpes viderat" (Fab., I, 7). 2. Papel, caráter, personagens: "Colacem esse Naevi et Phauti veterem fabulam: Parasiti *personae* inde ablatas et militis." (Ter., *Fun.*, prol., 25 e seg.). "Nihil ex *personae* poetas, sed omnia sub eorum qui *personae*



V nibi sustinere videtur personas" (id. Pl., 29). 2. Indivíduo, pessoa: "Caesar nunquam nisi honorificentissime <sup>Personam</sup> impetum appellat. At in ejus persona multa fecit asperius" (id., Fam., VI, 6). "Ut non persona semper ad improborum civium impetus aliquid videretur habere populare" (id., Ad. Att., 8, 11). "Minoribus quoque et personis et rebus" (Suet., Tib., 32). 3. A pessoa gramatical: "Quoniam ita personarum natura triplex erat, qui loqueretur, ad quem, de quo" (Varr., L. Lat., 8, 8, § 20). Varr.

#### 4. DERIVADOS

A prova da <sup>vitalidade</sup> ~~vitalidade~~ do persona está em que o vocábulo se acha largamente representado nas línguas e dialetos românicos, com exceção do <sup>romeno</sup> romeno: it. persona, fr. personne, prov. e esp. persona, <sup>port. pessoa,</sup> personna, friul. persone (Ver Meyer-Lübke, REI, drit., Auf., 1935). Em francês, personne também significa "ninguém". Explica-se o fato pelo seu frequente uso em frases negativas. Em português, há derivados e compostos da forma persona: personagem, personativo, personalidade, personalizar, personalização, despersonalizar, despersonalização, personificar, personificação, etc.; <sup>e da</sup> ~~em~~ forma popular peçoal, inpeçoal, peçoalidade, inpeçoalidade, peçoalizar, peçoalização, inpeçoalizar, inpeçoalização, etc.

\*\*\*\*\*